

## O maior estudo já realizado sobre Parkinson mostra como os sintomas diferem entre homens e mulheres

---

*Pesquisa com quase 11 mil pacientes revela diferenças nos sintomas, fatores de risco e progressão da doença entre homens e mulheres*

Por Lyndsey Collins-Praino\*, Em The Conversation\*

A doença de Parkinson é a doença neurológica que mais cresce, com mais de 10 milhões de casos em todo o mundo. Cerca de 150 mil australianos vivem atualmente com a doença e 50 novos casos são diagnosticados a cada dia.

Prevê-se que o número de pessoas que vivem com Parkinson mais do que triplique entre 2020 e 2050.

Apesar do imenso impacto sobre as pessoas que vivem com Parkinson e seus entes queridos, e do custo exorbitante para nossa economia — pelo menos 10 bilhões de dólares australianos por ano — ainda há muito que não sabemos sobre como essa doença se manifesta e progride.

Um estudo recente de grande escala com quase 11 mil australianos que vivem com a doença de Parkinson fornece informações cruciais sobre os sintomas, os fatores de risco e como estes afetam homens e mulheres de forma diferente. Vamos dar uma olhada.

### **Primeiramente, o que é a doença de Parkinson?**

A doença de Parkinson é uma doença progressiva na qual as células que produzem o neurotransmissor dopamina em uma parte do cérebro chamada "substância negra" começam a morrer. Isso é acompanhado por diversas outras alterações cerebrais.

Geralmente é considerada um distúrbio do movimento. Os sintomas motores comuns incluem tremor de repouso, lentidão dos movimentos (bradicinesia), rigidez

muscular e problemas de equilíbrio.

Mas a doença de Parkinson também envolve uma variedade de sintomas não motores menos conhecidos. Estes podem incluir:

- Mudanças de humor;
- Dificuldades com a memória e a cognição (incluindo lentidão no raciocínio, dificuldades com o planejamento ou a realização de múltiplas tarefas e dificuldade em prestar atenção ou se concentrar);
- Distúrbios do sono;
- Disfunção autonômica (como constipação, pressão arterial baixa e problemas urinários).

Embora esses sintomas sejam às vezes chamados de sintomas "invisíveis" da doença de Parkinson, eles geralmente têm um impacto negativo maior na qualidade de vida do que os sintomas motores.

### **Então, o que nos diz a nova pesquisa?**

O estudo utilizou dados coletados como parte do Estudo Australiano de Genética da Doença de Parkinson, liderado pelo Instituto de Pesquisa Médica QIMR Berghofer. Após um estudo piloto em 2020, foi lançado como um projeto de pesquisa contínuo em todo o país em 2022.

Aproximadamente 10.929 australianos com Parkinson foram entrevistados e forneceram amostras de saliva para análise genética. Esta é a maior coorte de pacientes com Parkinson estudada na Austrália e a maior coorte ativa do mundo.

Houve várias descobertas iniciais importantes.

#### **1. Sintomas não motores são comuns**

O estudo reforçou a frequência com que os sintomas não motores são relatados, sendo a perda do olfato (52%), alterações na memória (65%), dor (66%) e tontura (66%) os mais comuns.

Notavelmente, 96% dos participantes apresentaram distúrbios do sono, como insônia e sonolência diurna.

#### **2. Uma melhor compreensão dos fatores de risco**

O estudo também forneceu informações sobre o que pode influenciar o risco de Parkinson.

Isso é importante porque não entendemos completamente o que causa a morte das células produtoras de dopamina na substância negra.

A idade é o principal fator de risco para a doença de Parkinson. O novo estudo constatou que a idade média para o início dos sintomas foi de 64 anos e, para o diagnóstico, de 68 anos.

### 3. Genes e ambiente desempenham um papel

Em um estudo recente, uma em cada quatro pessoas (25%) tinha histórico familiar de Parkinson. Mas apenas 10 a 15% dos casos de Parkinson são causados ??por mutações em genes específicos ou estão fortemente ligados a elas .

É importante lembrar que as famílias não compartilham apenas genes, mas também, frequentemente, o ambiente em que vivem.

Diversos fatores ambientais , como a exposição a pesticidas e lesões cerebrais traumáticas, também aumentam o risco de Parkinson.

A maioria (85-90%) dos casos de Parkinson provavelmente se deve à interação complexa entre fatores de risco genéticos e ambientais, além do avanço da idade.

O estudo mostrou que as exposições ambientais associadas ao risco de Parkinson eram comuns:

- 36% das pessoas relataram exposição a pesticidas;
- 16% tinham histórico prévio de traumatismo cranioencefálico;
- 33% haviam trabalhado em ocupações de alto risco (como agricultura, petroquímica ou processamento de metais).

Essas exposições foram significativamente maiores em homens do que em mulheres.

### 4. Diferenças entre os sexos

A doença é 1,5 vezes mais comum em homens. No novo estudo, 63% dos entrevistados eram do sexo masculino.

A doença de Parkinson também se manifesta e progride de forma diferente em homens e mulheres.

O estudo constatou que as mulheres eram mais jovens do que os homens no momento do início dos sintomas (63,7 versus 64,4 anos) e do diagnóstico (67,6 versus 68,1 anos), e mais propensas do que os homens a sentir dor (70% versus 63%) e a sofrer quedas (45% versus 41%).

Os homens apresentaram mais alterações de memória do que as mulheres (67% contra 61%) e comportamentos impulsivos, particularmente comportamentos sexuais (56% contra 19%) – embora a maioria dos participantes não tenha apresentado impulsividade ou tenha apresentado apenas impulsividade leve.

### **O que ainda não sabemos**

O estudo em larga escala e seu levantamento abrangente lançaram luz valiosa sobre as pessoas que vivem com Parkinson na Austrália.

Mas ainda assim é apenas uma pequena fração da população. Mais de 186 mil pessoas com Parkinson foram convidadas a participar e pouco menos de 11.000 participaram – uma taxa de resposta inferior a 6%.

Desses participantes, 93% tinham ascendência europeia. Portanto, essa amostra pode não ser totalmente representativa da doença de Parkinson.

As informações que temos sobre os sintomas também se baseiam em relatos dos próprios participantes do estudo, que são subjetivos e podem ser tendenciosos ou menos confiáveis do que as medições objetivas da função. Para solucionar isso, os pesquisadores planejam usar smartphones e dispositivos vestíveis para coletar dados mais abrangentes.

Por fim, embora isso forneça um panorama da coorte atual, não está claro como os participantes se comparam a pessoas de idade semelhante sem Parkinson, ou como seus sintomas podem mudar ao longo do tempo.

Estas são áreas importantes para futuras pesquisas neste estudo em andamento.

### **O que tudo isso significa?**

Estudos como este fornecem informações cruciais sobre os fatores de risco associados à doença de Parkinson. Eles também nos ajudam a compreender melhor os sintomas que as pessoas apresentam.

Isso é importante porque a forma como a doença de Parkinson se manifesta varia de pessoa para pessoa. Nem todos apresentarão os mesmos sintomas na mesma intensidade.

Da mesma forma, a progressão da doença ao longo do tempo varia de pessoa para pessoa.

Uma melhor compreensão dos fatores que influenciam isso pode levar à identificação precoce de quem está em risco e a formas mais personalizadas de gerenciar essa doença.

\*Lyndsey Collins-Praino é professora associada da Escola de Biomedicina, Universidade de Adelaide.

\*Este artigo foi republicado de The Conversation sob licença Creative Commons. Leia o artigo original.

<https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2026/03/16/o-maior-estudo-ja-realizado-sobre-parkinson-mostra-como-os-sintomas-diferem-entre-homens-e-mulheres.ghtml>

**Veículo:** Online -> Portal -> Portal O Globo - Rio de Janeiro/RJ